



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**TATIANA DA SILVA**

**O PROCESSO DE LEITURA:  
NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2007**

**TATIANA DA SILVA**

**O PROCESSO DE LEITURA:  
NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Plena em Pedagogia do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Pedagogia.**

**Orientadora: Professora Ma. Antônia Lis de Maria Martins Torres.**

**CAJAZEIRAS - PB**

**2007**



S586p Silva, Tatiana da.  
O processo de leitura: na educação de jovens e adultos /  
Tatiana da Silva.- Cajazeiras, 2007.  
53f.: il.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, 2007.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Educação de jovens e adultos. 2. Leitura. 3.  
Leitores. I. Torres, Antônia Lis de Maria Martins. II.  
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de  
Formação de Professores. IV. Título

CDU 374.7

Tatiana da Silva

5

**O PROCESSO DE LEITURA: na educação  
de jovens e adultos**

Monografia aprovada em 10 de Maio de 2007

---

Ms. Antonia Lis de Maria Martins Torres (orientadora)

Cajazeiras-2007

## Agradecimentos

Ao Senhor Deus, pelo dom da vida e da inteligência, mas, sobretudo, por poder usá-la na construção de uma sociedade mais adequada à sua vontade.

A minha Família, mola propulsora de minha aspiração ao crescimento.

A todos que colaboram na construção deste estudo: amigos, professores, colegas e em especial minha orientadora, sem seu apoio e ensinamento jamais teria conseguido.

Dedico este trabalho a todas aquelas e todos aqueles que fazem acontecer a Educação de Jovens e Adultos e que acreditam que um outro mundo é possível.

Às alunas e aos alunos da turma do Estágio, que tanto nos ensinaram e contribuíram para a realização deste trabalho.

A todos

Agradeço

## RESUMO

Esta monografia enfocou o processo de leitura na Educação de Jovens e adultos. Pretendeu-se, a partir desse conceito, pesquisar o desenvolvimento da leitura e sua apropriação social por jovens e adultos. Buscando subsídio teórico-metodológico em Funk, Ferreiro, Cunha, Dias, e no parâmetro legal da Educação de Jovens e Adultos, foram os principais referenciais teóricos utilizadas que possibilita um conhecimento teórico da prática pedagógica da EJA. Resolvemos investigar e ao mesmo tempo propor práticas pedagógicas de leitura que venham emergir no sujeito o desejo de ler. Nesse sentido, a pesquisa contará com a participação de quatro (04) professoras da 1ª fase do Ensino Fundamental que lecionam no turno noite na escola E. E. E. I E. F. Antonio Lacerda Neto na cidade de São José de Piranhas-PB. Utilizaremos o questionário para fazermos a coleta dos dados. Os dados foram submetidos à análise temática, de acordo com algumas categorias criadas por autores, as considerações finais buscam apontar para a necessidade de aprofundamento das pesquisas neste campo de estudo. Acreditamos na possibilidade de estarmos contribuindo para refletir sobre a prática docente, possibilitando o acesso a novos conhecimentos teóricos que contribuam para uma formação mais sólida, discutindo novas alternativas de trabalho que favoreça a formação crítica e conscientes do leitor, viabilizando um despertar para uma sociedade mais justa e igualitária.

<b>PROCEDIMENTO METODOLOGICO</b>	<b>09</b>
<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>11</b>
<b>1 - REVISANDO ALGUMAS CONCEPÇÕES DE LEITURA</b>	<b>16</b>
<b>2- AFINAL, PARA QUE SERVE A LEITURA?</b>	<b>19</b>
<b>3 - A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA NA FORMAÇÃO DE LEITORES</b>	<b>22</b>
<b>4 -A CONCEPÇÃO DE LEITURA A PARTIR DOS PROFESSORES DA EJA</b>	<b>30</b>
4.1 Analise dos resultados	30
<b>5- VIVENCIANDO O PROCESSO DE LEITURA NA EJA</b>	<b>37</b>
<b>ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b>	<b>43</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>47</b>
<b>ANEXO I</b>	<b>49</b>
<b>ANEXO II</b>	<b>52</b>

## **Procedimento Metodológico**

A pesquisa leitura na alfabetização de jovens e adultos objetivos foi realizada na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto, localizada na rua Odon Bezerra, s/n<sup>o</sup> bairro centro, na cidade de São José de Piranhas, PB. O universo da pesquisa foi composto por (4) quatro professoras das séries iniciais do ensino fundamental da EJA.

O estudo da temática teve o caráter exploratório, pois segundo Gonsalves (2001.p.65) “A pesquisa exploratória é aquela que se caracteriza pelo desenvolvimento e o esclarecimento da idéias, com o objetivo de oferecer uma visão panorâmica, uma primeira aproximação a um determinado fenômeno que é pouco explorado”. Utilizamos também o método qualitativo, por partir do “fundamento de que há uma relação dinâmica, entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre sujeito e objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito”. (CHIZZOTTI, 2001, p.79). e de acordo com Richardson (1999,p.79): “ A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador,justifica-se sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social.”.

No primeiro momento julgamos necessário um levantamento bibliográfico que também foi importante porque nos proporcionou uma maior aproximação com o tema em estudo, formentou-nos conhecimentos teóricos necessários para realização da pesquisa.

Como instrumento de coletas de dados necessários ao estudo utilizamos, no segundo momento, questionários com questões objetivas e subjetivas. Escolhemos o questionário por ser um instrumento de fácil aplicação, obtenção e análise dos dados e pode ser considerado um instrumento que facilita a familiarização com o problema, Richardson (1999,p.189) acredita que: “... os questionários cumprem pelo menos duas funções: descreve as características e medir determinadas variáveis de um grupo social”. Isso não implica, porém que não possamos posteriormente adotar outros instrumentos de coletas de dados que venham a enriquecer e contribuir para o tema em estudo. O conteúdo desse questionário tem como objetivo os seguintes:



- Analisar o processo de leitura na Educação de Jovens e Adultos;
- Investigar quais dificuldades encontradas pelos professores em trabalhar o processo de leitura com a EJA;
- Identificar a metodologia utilizada pelos professores da EJA;

O referido instrumento contribuir significativamente para elaborarmos o segundo momento do nosso trabalho, o qual constou o estagio noturno, realizados com os alunos da Eja da referida escola. As atividades eram realizadas através de estudos, leituras, discussões, reflexões e dinâmicas sobre a importância da leitura na formação de cidadãos capazes de desenvolver o seu próprio conhecimento.

Assim, realizamos esse trabalho, na perspectiva de que as mudanças são lentas, porém, necessárias. Uma vez que no contexto atual, faz-se necessário que os professores busquem maneiras que possibilitem aos alunos uma leitura prazerosa, compreensiva, como forma de torná-los leitores críticos e cidadãos conscientes.

A escola funciona durante os três turnos, manhã e tarde o ensino infantil, e noite o ensino fundamental. O ambiente é composto por 296 alunos, sendo que 190 estão na faixa etária entre 6 a 14 anos e 106 alunos da Educação de Jovens e Adultos apresentam uma faixa etária entre 25 a 72 anos. O projeto foi aplicado durante o turno noite onde existem salas da Educação de Jovens e Adultos. O ambiente físico da escola é bem restrito, são 06 salas de aula, 01 diretoria, 01 cozinha, 04 banheiros, 01 dispensa, 01 biblioteca e 01 pátio. A escola conta com recursos materiais como: carteiras, mesas, bebedouro, som, mimeógrafo, vídeo, televisão e alguns eletrodomésticos.

A referida escola no turno noite conta com quatro (4) professoras contratadas, nenhum efetiva, (1) diretora e uma (1) coordenadora pedagógica que não frequentam neste turno, duas (2) pessoas na secretaria e duas (2) auxiliares de serviço que vão pra ficar sentadas, pois durante esse turno não é oferecido a merenda escolar.

## Introdução

O presente estudo teve como objetivo analisar o processo de leitura na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, bem como, compreender os processos de aprendizagem formais e não formais. Neste sentido, veremos que para um melhor entendimento acerca da EJA faz necessário tomarmos a política educacional influenciando diretamente na história da Educação.

Não é de hoje que a Educação de Jovens e Adultos tem espaço no texto da constituição, o ensino primário extensivo aos adultos, também é assegurado pela LDB 9394/96. A questão do acesso ao ensino Primário aos adultos tem espaço garantido no texto da constituição Brasileira e é também assegura pela lei de Diretrizes e Base (LDB), artigo 37.

A EJA trabalha inicialmente com jovens e adultos analfabetos ou semi-analfabetos, que se sustentam ou complementam a renda familiar vendendo balas, jornais, fazendo “biscates”... Estes jovens são geralmente não tem muito contato com o processo de leitura.

Hoje milhares de pessoas não sabem ler nem escrever, não conseguem ler uma carta, escrever um bilhete. Esta realidade nacional exclui grande número de jovens e adultos dos bens materiais e culturais produzidos, dificulta seu ingresso no mercado de trabalho, além do que, estes cidadãos deixam de exercer seu direito à cidadania, pois não participam efetivamente da vida social não se identificando como sujeito histórico na construção de uma sociedade livre e igualitária.

Neste sentido, observando as pesquisas e estudos feitos sobre essa temática percebemos que a leitura tem sido centro de discussão para quem se preocupa com os rumos da educação no nosso país, visando melhorar a qualidade de ensino brasileiro. Pois o ato de ler é imprescindível para apropriar-se do conhecimento, isso porque a leitura e a escrita constituem-se como meios que o indivíduo usa para comunicar-se com os grupos sociais, opinando, criticando e refletindo diante da realidade em que está inserido.

A leitura é de fundamental importância para o “bem-estar” social do indivíduo. Hoje em dia vivemos num mundo sobrecarregado de informação e ler é uma das maneiras que o ser humano dispõe para adquirir um maior conhecimento de mundo. Em toda a história da humanidade nunca se produziu tanto conhecimento como no momento atual. Portanto, para que o indivíduo tenha acesso a essas informações, precisa ser um leitor com competência para desenvolver sua postura crítica e assim contribuir para a formação de cidadãos autônomos, capazes de assumir valores democráticos desejáveis e atuar no mercado de trabalho de forma participativa.

A leitura é algo que nos envolve tanto que nem paramos para pensar como vive uma pessoa que não sabe ler e escrever! É notório que existem muitas pessoas que não sabem ler e outras que sabem ler, mas, não consegue interpretar o que leu. Ler é contextualiza, ou seja, é dar o seu ponto de vista, opinando se concorda ou não com o que está lendo.

E para diminuir essas dificuldades é preciso de uma política pública sustentável que invista mais na Educação para amenizar esse problema, levando em conta a realidade do educando, só assim, é que vamos garantir uma oferta de educação de qualidade, faz-se então, necessário à implantação de propostas educacionais que atendam as suas necessidades.

É preciso reformulações efetivas no sistema educacional. Assim, não podemos esquecer de uma peça fundamental que contribuirá na amenização dessa situação que é o profissional da educação. Contudo, veremos se será necessário que ele reveja sua prática pedagógica começando a agir diante da realidade vivenciada, assim como, que o governo invista nesses profissionais para que o seu trabalho seja eficiente.

Desta forma, algum questionamento nos inquietava, tais como: qual o tipo de leitor a Eja está formando? Quais as dificuldades encontradas pelos professores em trabalhar o processo de leitura na EJA. Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê, que passe aprender a ler também o que não está escrito, ou seja, identificando elementos implícitos, que estabeleçam relações entre o que lê e outros textos já lidos, que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto, mas para isso a leitura deve ser prazerosa.

O objetivo da leitura é formar cidadãos capazes de compreender os diferentes tipos de textos com os quais se defrontam, é preciso antes de organizar o trabalho educativo, para

que experimentem e aprendam isso na escola, e podemos perceber que os educandos jovens e adultos já trazem outras experiências educativas vivenciadas, já possuem uma “leitura de mundo” uma formação, só não sabem ler e escrever. Em termos de conhecimentos muitas vezes eles sabem coisa que o educador desconhece, o que lhe falta é ampliar esse saber, o conhecimento desse aluno em termos de instrumentação para que ele possa codificar e decodificar a linguagem escrita, interpretar o que está escrito, saber registrar o que leu, formulando idéias, sobre um determinado assunto, pois a leitura no processo de ensino e aprendizagem é de suma importância para o indivíduo, tanto na vida escolar como no cotidiano, porque no hábito da leitura desenvolve-se a escrita e são duas operações essenciais na sociedade em que vivemos.

Diante de tal situação, o presente estudo abordou e investigou tais questões: Que concepção de leitura tem os professores da EJA? Que tipo de leitura eles oferecem aos alunos? Como se dá a prática do educador em sala de aula? Quais as metodologias usadas? Quais as dificuldades encontradas pelos professores em trabalhar o processo nesta modalidade de ensino. E de que forma ele (o educador) pode contribuir para a boa formação do leitor?

O primeiro capítulo vai se ocupar do conceito de leitura segundo o ponto de vista de diferentes autores

No segundo capítulo aprofundaremos a questão afinal para que serve a leitura? Qual a sua função social? Iremos destacar a importância da leitura na vida de todo indivíduo.

No terceiro, estaremos discutiremos o papel da escola e a formação de leitores, destacando a instituição como um ambiente onde trocamos idéias, experiências buscando aperfeiçoar nossos conhecimentos adquiridos, procurando também ampliar os conhecimentos dos alunos, despertando-lhes o prazer e o hábito de leitura no seu dia-a-dia.

No quarto capítulo, enfocaremos a leitura na Eja a partir da concepção dos professores e analisaremos os dados do questionário aplicados e pesquisados à luz dos conceitos estudados.

No quinto capítulo, descreveremos a minha experiência do estágio com jovens e adultos, onde foi possível vivenciar os processos de leitura com discentes nesta modalidade de ensino.

Para concluir, apresentaremos considerações que pretendemos que sejam úteis para contribuir no avanço das pesquisas realizadas neste campo de estudos.

Com relação aos referenciais teóricos, verificamos que muitos são os autores que vêm discutindo a questão da leitura na educação de Adultos. Neste trabalho, estaremos nos aliando a Freire no sentido de buscar identificar a dimensão social da leitura nos alunos pesquisados.

De acordo com a constituição de 1988, é dever do Estado e direito do cidadão o ensino primário extensivo aos adultos como componente da educação. A educação de jovens e adultos, na LDB (9394/96), será destinada aqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

Recorreremos também para aprofundar melhor esta temática, Funk (1994), Ferreira, Fernandes (2002), Cunha (1986), Soares (2001), Orlandi (2001), Sole (1998), Dias (2001) no sentido de enriquecer com exemplos de outras pesquisas já realizadas sobre o tema no Brasil.

Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente os jovens e adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames. O poder público viabilizará e estimulará o acesso e a permanência do trabalhador na escola, mediante ações integradas e complementares entre si (art. 37).

Segundo dados do IBGE (2001), ainda existem no País 16,29 milhões de pessoas acima de 15 anos que não conseguem ler nem escrever. As maiores taxas estão concentradas nas faixas etárias entre adultos e idosos. No Brasil existe ainda cerca de oito milhões de famílias comandadas por analfabetos totais e 1/3 dos domicílios é chefiado por analfabeto funcional. Isso significa que ainda se faz necessário uma política educacional que alfabetize efetivamente aqueles que nunca tiveram acesso à escola ou aqueles que dela se evadiram.

Dados Estatísticos do Analfabetismo no Brasil – IBGE – Censo 2000

População 15 anos ou mais	População Alfabetizada 15 anos ou mais	População Analfabeta 15 anos ou mais	Taxa de Analfabetismo
119.533.048	103.238.159	16.294.889	13,63 %

Dados Estatísticos do Analfabetismo no Brasil – IBGE – Censo 2000

Existem nos pais 16,29 milhões de pessoas acima de 15 anos analfabetas

## Capítulo I - Revisando algumas concepções de leitura

A definição etimológica da palavra leitura segundo Cunha(1986):

Vem do Latim tardio *lectura* que apresenta o sentido de comentário. Derivado do verbo ler, do latim *legere*, corresponde a percorrer com a vista e interpretar o que está escrito, captando o significado do que é lido, compreendendo o que o autor do texto quis dizer.

Pode-se ir mais adiante, ao entender a leitura enquanto o esclarecimento analítico ou não de determinado fato, imagem ou produção escrita, lê-se para compreender, para expor uma opinião.

Segundo Freire (1987, p.20) "A leitura do mundo precede a leitura da palavra," antes de aprendermos a ler palavras e frases, já estamos lendo bem ou mal o mundo que nos cerca, ou melhor, somos inseridos num processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler que não se limita apenas a decodificação da escrita. A leitura está intrínseca ao nosso viver no mundo, desde a nossa concepção até o nosso último minuto de vida, estando presente em nossa convivência diária. com os outros fazemos a leitura do mundo, aprendemos o seu significado, ao desvelar novos conhecimentos.

Deste modo, compreendemos que o processo de alfabetização vai muito além de decodificar e memorizar fonemas e grafemas. Para a pessoa se tornar usuário da escrita é preciso mais que conhecimento dos códigos, das letras e dos números. É preciso enfrentar um amplo conjunto de situações nas quais a leitura e a escrita são necessárias. Para Paulo Freire.

(...) processo que envolve uma compreensão crítica do ato de ler que não se esgota decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se entrecruza e se alarga na intelecção do mundo, leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade daquela. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a participação das relações entre o leitor e o contexto.

Ler é, portanto, um processo contínuo e evolutivo que se relaciona com o nosso próprio fato de estarmos no mundo. Assim, a leitura constitui-se em um precioso instrumento no

processo de produção do conhecimento, por possibilitar o contato do leitor com diferentes formas de vivenciar e compreender o mundo. Assim, é preciso pensar que todo educando seja ele jovem ou adulto, tem um universo próprio de palavras que devem ser respeitadas, Freire (1987) acreditava e propunha uma ação educativa que não negasse sua cultura, mas que fosse transformando a mesma através do diálogo.

... Daí a valorização do saber ler e escrever, já que se trata de um signo arbitrário, não disponível na natureza, criado como instrumento de comunicação, registro das relações humanas; transformado com freqüência em instrumento de poder pelos dominadores, mas que pode também vir a ser a liberação dos dominados" (MARTINS, 1994, p. 19).

Assim, a leitura é um processo de compreensão, de comunicação e de registro das relações humanas que deve ser conquistada para atender as ações e aspirações dos homens. Portanto, a aprendizagem da leitura se dá ao longo de toda vida, dentro de contextos diversificados com objetivos diferenciados que podem ser influenciados pelos variados meios culturais e pelas diversas situações educativas.

Numa perspectiva de leitura crítica-transformadora, Freire apresenta suas reflexões sobre leitura vinculadas a discussão sobre educação. Contrário a leitura de caráter memorístico, decifrativo, próprio da educação bancária, ancora-se numa compreensão crítica do que o ato de ler vai além da decodificação da palavra escrita, buscando seu significado através do contexto em que se está inserindo.

A leitura de um texto quando realizada mecanicamente com o intuito de memorizar o conteúdo expresso não é visto como "real leitura", pois não se aprende a significação de seu conteúdo. A compreensão de um texto por um leitor crítico implica a percepção das relações entre o texto e o contexto, ou melhor, a busca da associação entre os conceitos trabalhados no mundo escolar com os que advêm do mundo da cotidianidade.

Não podemos confundir ler com decifrar nem analisar, nem esperar um leitor passivo que apenas decodifica, pois a leitura é uma atividade cognitiva, requer que o sujeito esteja envolvido, não ler por ler, mas compreender e interpretar o que se lê, utilizando-se de textos reais que tenham significado para a vivencia social do aluno.



Não podemos introduzir a leitura e a escrita de forma mecânica, ensinando os alunos a repetir, a decodificar os símbolos lingüísticos sem compreender o que se faz, tendo como resultado numerosos casos de crianças, jovens e adultos que decifram e não compreendem, ou escrevem, mas não produzem, fazendo a linguagem escolar, uma linguagem deformada sem vida. Somos conhecedores de que o conhecimento não é adquirido por repetição, transmissão, dentro de um contexto artificial, no qual se prioriza a memorização. É preciso propiciar um ambiente dinâmico em que esses alunos vão construir seus conhecimentos de forma democrática, reflexiva, contextual e compartilhada. Já que o desenvolvimento é fruto da interação, é preciso propiciar a EJA a vivencia em um ambiente interativo, rico e envolvente.

O domínio da leitura e da escrita não se dá de forma mecânica, através de métodos de ensino, já que não é o método que cria a aprendizagem, pois a aquisição do conhecimento é fruto da própria ação do sujeito.

Precisamos desmistificar a atual dicotomia existente, na qual, para aprender, o aluno precisa saber ler. Fazendo-se necessário reconhecer que os educandos são construtores do seu próprio conhecimento e o professor é um mediador que vai facilitar, propiciar essa construção apresentando a leitura e a escrita dentro de um contexto social significativo.

Favorecer o acesso a diferentes tipos de textos, nos diferentes contextos, com várias intenções e diferentes destinatários, criando vínculos entre a cultura e o conhecimento, priorizando não só a aprendizagem dos conteúdos educativos determinados pelo currículo, mas usar a linguagem com vida, como ferramenta de comunicação entre as pessoas e as culturas, desvelando o mundo em que vivem para que possam agir sobre ele.

Partindo do pressuposto de que a aprendizagem da leitura é uma responsabilidade de todos os que ensinam e os que aprendem, já não mais se permite ter a visão bancária de educação, na qual o professor deposita seu conhecimento sobre o aluno que apenas recebe passivamente. Criou-se uma nova relação entre educador e educando, na qual ambos se condicionam reciprocamente, mudando sua visão de homem e mundo, onde se busca uma

visão global e não mais compartilhada, e à medida que determinamos o meio em que vivemos, vamos sendo também determinados por ele.

Em resumo Perez e Garcia (2001, p. 24) diz que:

Aprender e ensinar a ler e escrever são fatos relevantes, funcionais e significativos quando aquilo que lemos e escrevemos tem uma finalidade, um sentido, e responde às necessidades funcionais e aos interesses e às expectativas dos alunos, e quando sua conquista é resultado de uma atividade compartilhada e negociada entre aluno e professor em uma escola participativa, cooperativa, flexível, integradora e democrática, que possibilite o encontro e o contato cotidiano com diferentes textos e a interação entre colegas”.

O ato de ler envolve as representações que temos sobre o que é ler, como e o que pode ser lido. Ler também envolve conhecimentos diversos mobilizamos saberes trazidos pela nossa história de vida, além do que é fundamental também o conhecimento lingüístico sobre o funcionamento do sistema da escrita, sobre o vocabulário, sobre os diferentes tipos de texto e os estilos de linguagem. De acordo com CAGLIARE, (p. 30, 2003):

A linguagem existe porque se uniu um pensamento a uma forma de expressão, um significado a um significante, como dizem os lingüistas. Essa unidade de dupla face é o signo lingüístico. Ele está presente na fala, na escrita e na leitura como princípio da própria linguagem, mas se atualiza em cada um desses casos de maneira diferente. Essa procura das relações entre significado e significante é em outras palavras saber como uma língua funciona e quais os usos que tem.

## **Capítulo II- Afinal pra que serve a leitura?**

Saber ler (e escrever) é uma condição indispensável para que o individuo participe de forma efetiva da construção da sociedade e de si mesmo, enquanto ser humano na sua totalidade. Podemos levantar como as principais funções sociais da leitura: a leitura para função deleite ou prazer, a leitura para a aquisição de informações de cultura geral, da atualização sobre o que ocorre na comunidade e no mundo; a leitura para fins de estudo, e a leitura para fins religiosos e de auto-ajuda, como família.

Assim, a leitura faz parte do processo de formação do educando, auxiliando no desenvolvimento de situações, seja social, política, econômica, ou cultural, permitindo ao ser humano situar-se com os outros nos diversos meios sociais, formando-se indivíduos conscientes dos seus direitos e deveres. Portanto, a escola deve priorizar a formação de leitores ativos reflexivos responsáveis por seus atos, que desenvolva capacidades para atuar no mundo competitivo que nos rodeia, ou seja, todo mundo externo e interno ao aluno deve ser considerado quando lhe são apresentados este novo universo, que poderá oferecer autonomia e prestígio se bem interpretado no dia-a-dia, isso implica numa mudança de vida tanto para os jovens como para os adultos.

Muitas vezes a leitura assume uma posição sócio-econômica e cultural, ou seja, a pessoa que não sabe ler é visto com outros olhos e tem menos oportunidade de progredir na vida. Sabemos que a instituição escolar contribui para reprodução dessa função, através da transmissão da linguagem utilizada pelos docentes, pelos textos dos livros didáticos que na maioria das vezes está fora do contexto dos alunos das classes menos favorecidas.

Considerando a situação ainda mais agravante, como nos afirma Martins (1994:25) “[...] a escola está limitada, com a utilização preponderante dos chamados livros didáticos”. Na maioria das vezes, torna-se o único recurso de leitura que os alunos têm acesso, recurso esse que não possuem textos atrativos que desperte o interesse e o gosto pela leitura.

Uma sociedade que sabe dizer o que quer e o que pensa é menos manobrável, menos submissa, que saiba interpretar o que está escrito, todos os tipos de texto ou informações, DIAS(2001:42) afirma que;

[...]Ler é atribuir diretamente (ou seja, ser intermediário) um sentido a algo escrito, um texto, questionário, esse escrito a partir de uma necessidade ou expectativa reais de situações de vida que são diferentes das situações escolares.

Para isso, a leitura deve ser incentivada pelo educador, pois é importante que o professor torne a sala de aula um ambiente prazeroso e favorável para que o aluno tanto da EJA como em geral, desperte seu interesse pela leitura. É importante que os docentes despertem nos educandos finalidades para que estes desenvolvam a prática da leitura. E ainda, despertem o prazer e o gosto pela leitura, visto que ela é uma prática social utilizada para diferentes fins.

Para DIAS (2001:47) a leitura:

Com objetivos futuros incluem-se aqui, as leituras relacionadas ao que se pode alcançar em nível individual como, por exemplo, para conseguir emprego, melhorar de vida etc.

Diante dessa afirmação, sabe-se que o processo de leitura faz e deve fazer parte do nosso cotidiano, pois é através dela que conseguimos crescer na vida, ter conhecimento e formar, logo a leitura e uma das bases para se manter e se desenvolver.

Uma atividade de leitura será motivadora para alguém, se responder a interesses pessoais, atendendo a um objetivo.

A leitura é vista como instrumento de transformação social, através do qual o indivíduo poderá ser um cidadão, compreender e transformar o mundo e a realidade em que vive. (DIAS 2001:47)

O ato de ler é indispensável para aprender, para apropriar-se do conhecimento e de informações, como também nos proporciona condições de refletir, vendo o mundo de olhos bem abertos, com possibilidade de se ter uma participação mais ativa e consciente diante da sociedade, mas para isso a leitura deve ser prazerosa, o hábito da leitura é fundamental para conhecimento globalizado do indivíduo, por isso não deve ser limitado ou censurado, mas, incentivado e aprimorado.

A escola deve preparar o aluno para dirigir, como adequação, qualquer tipo de texto, em qualquer situação com a qual se deparem na vida. O professor colabora para que os alunos desenvolvam sua competência comunicativa tornando-se aptos a usarem melhor sua língua. É preciso também que o aluno seja um leitor crítico do seu próprio texto e dos textos produzidos por seus colegas, fazendo com que o ato de ler e escrever se constituam em duas fases de um mesmo processo cognitivo.

Dias (2001, p. 47) evidencia que a leitura não deve ser tratada como mera decodificação dos sinais gráficos, mas que sirva como:

... Instrumento de transformação social, através do qual o indivíduo poderá ser um cidadão, compreender e transformar o mundo e a realidade.

A escrita concebida como uma transcrição, dá ênfase apenas aos aspectos auditivos e visuais. Os encaminhamentos dados a leitura e a escrita que derivam desta concepção acabam centrando esses processos como uma atividade mecânica. Dentro dessa visão, não deveriam existir dificuldades para aprender a ler e escrever, já que se trata de uma simples transcrição do sonoro para um código visual (FERREIRO: 1995).

Diferentemente quando no processo de construção da escrita um sistema de representação, algo a ser compreendido e não apenas a aquisição de uma técnica. É preciso construir uma nova cultura, baseada na compreensão e no respeito, criar elos entre escola e a comunidade, dentro de um contexto, definindo objetivos com propósitos significativos e relevantes para os alunos, onde eles compreendam o que está sendo feito e percebam-se como agentes desse processo.

Nessa aprendizagem entra em jogo a disponibilidade de o alfabetizando criar algo novo, recriar o discutido dialogicamente. Nesse momento, o alfabetizador deve lançar mão de conhecimentos lingüísticos e da capacidade de apropriação criativa dos modelos de textos disponíveis. São textos que podem ser encontrados dentro e fora da escola, textos trazidos pelo alfabetizador e lidos aos seus alunos e que podem ser usados como suporte nas atividades realizadas no processo de construção da leitura e escrita. Da mesma forma utilizamos histórias trazidas pelos alfabetizandos, contadas e discutidas oralmente e transformadas em histórias registradas, escritas no livro, produto da dedicação de cada aluno, assim como as histórias do livro, a vivência de cada um.

### **Capítulo III - A escola e a formação de leitores**

Em sociedades letradas, ler e o escrever são vistos como competências essenciais para o exercício pleno da cidadania. Um projeto educativo comprometido em desenvolver essa competência atribui à escola a responsabilidade de garantir ao sujeito o acesso aos saberes lingüísticos necessário a sua formação.

A leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino e para que possa constituir também objeto de aprendizagem, é necessário que faça sentido para a criança, o jovem e adulto, isto é, a atividade de leitura deve corresponder, do seu ponto de vista, a objetivos de realizações imediatas. De acordo com Freire (1994:101). “O espaço de sala de aula deve ser um espaço de formação de leitores”. A leitura deve ser vista num sentido amplo independente do contexto escolar, ir além dos textos de livros didáticos, permitindo compreender e valorizar cada aprendizado.

Ter uma visão crítica do mundo e compreender a realidade vivenciada para podermos transformá-la, já que devido as grandes desigualdades sociais e econômicas, a leitura e a escrita se torna um instrumento de dominação e alienação sobre a grande maioria. Como afirma FREIRE (1987) para pensar certo, descobrindo a razão de ser dos fatos e aprofundar os conhecimentos que a prática nos dá, não são privilégios de uma maioria, mais um direito que o povo tem. Vale destacar que, na alfabetização de jovens e adultos, trabalhar a diversidade cultural é uma estratégia das mais importantes uma vez que contribui na construção da identidade nacional. Nesse sentido, a escola pode ser o local de diálogo, de aprender a conviver e vivenciar a própria cultura, respeitando as diferentes formas de expressão cultural. Significa considerar as diferenças como fator de enriquecimento e não como obstáculo para a alfabetização.

A escola precisa priorizar a formação de um leitor crítico e criativo, pois é através da leitura que conhecemos novos pensamentos, nos proporciona condições de refletir, “vendo o mundo de olhos abertos”, é uma forma de encontro entre o homem e a realidade sócio-cultural, e consigo mesmo, pois a leitura amplia o conhecimento e a forma de compreender o mundo.

Todavia, reconhecemos que a escola vem atravessando várias dificuldades no que tange a leitura, as condições materiais da grande maioria das escolas, principalmente as públicas, permitem pouco e ainda com limitações, o acesso apenas a textos escritos, esquecendo então de incorporar o uso de instrumentos mais avançados, encontrados no cotidiano dos alunos. Com isso os professores se vêem situados em duas realidades dicotomizada ao ultrapassar os portões da escola -uma, a social mais abrangente, que eles deixam atrás de si e onde existem vários tipos de veículos (televisão, cinema etc) com suas respectivas linguagens. Outra, a educacional, onde a transmissão de conhecimentos se faz

exclusivamente através do livro didático, do quadro negro ou voz do professor, com preponderância da linguagem verbal.

Devemos valorizar também as inúmeras manifestações culturais que vem do povo das camadas populares que tem muito a nos oferecer, isso nos reforça que tanto a leitura quanto à cultura deve ser compreendida além das instituições. FREIRE (2001:12) enfatiza que:

Ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo.

Na visão de Freire o aprendizado se desenvolve em comunhão com os outros e com o mundo, é um ato coletivo, não se dá de forma solitária, pois o homem é um ser social e vive sempre em sociedade. Assim existem meios para trabalhar com diversidades de textos, mas “no caso da leitura, não basta oferecer aos educadores livros em quantidades. Precisam perceber, sentir de verdade que a leitura é um elemento essencial para a vida”. (Macdo,1999:123).

Conforme concebe Martins (1994 p. 25-26):

Como, principalmente no contexto brasileiro, a escola é o lugar onde a maioria aprende a ler e escrever, muitos têm sua talvez única oportunidade de contato com os livros, estes passa a ser identificados como manuais escolares (...), na verdade resultam em manuais da ignorância; mais inibem do que incentivam o gosto de ler. Geralmente transmitindo uma visão de mundo anacrônica, repressiva, tais livros estão repletos de falsas verdades, a serviço de ideologias autoritárias, mesmo quando mascarados por recursos formais ou temáticos atuais e não conservadores

Assim, a principal atividade desenvolvida pela escola na formação do aluno, é a leitura, portanto, o ato de ler se sobrepõe ao ato de escrever. Segundo Martins (1994, p.23) “ler significa inteirar-se com o mundo, sendo também uma forma de conquistar autonomia, de deixar de (ler pelos olhos de outrem)”.

Diante disso, formação do bom leitor é melhor que a escola pode oferecer, proporcionando ao indivíduo melhores condições de sobressair-se no seu convívio social. À medida que compreendemos o meio em que vivemos, nos é permitido fazer uma leitura desse meio, podendo agir sobre ele. Sendo assim, aqueles que não tiveram uma boa formação leitora acabam tendo menos chances no futuro. Nessa perspectiva, não será apenas o diploma que resolverá os nossos problemas, como também a nossa formação leitora.

Nesse sentido Cagliari (1991, p. 148) evidencia que: “A leitura é a extensão da escola na vida das pessoas (...). A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma...”.

Por mais que saibamos que um dos principais objetivos da escola seja desenvolver o hábito prazeroso da leitura, ainda nos deparamos com um número alarmante de crianças, jovens e adultos que não lêem. E, apesar de tamanho enfoque dado à importância da leitura, não entendemos porque ainda vivenciamos os altos índices de analfabetismo, nos quais a realidade apresentada mostra-nos crianças chegando às 4ª séries do ensino fundamental como analfabetas funcionais e esse caso não se limita ao ensino fundamental vai muito mais além. Assim, nos questionamos como esses alunos foram trabalhadas nas séries iniciais (alfabetização) e como vivenciaram o processo de leitura e escrita, assim como vão trabalhar com esses jovens e adultos?

Segundo Orlandi (2001) aborda a necessidade de se refletir sobre as condições de leitura. Basicamente o que se tem proposto em termos de soluções para o problema da leitura tem-se configurado como discurso da escola de classe média.

A escola tem como função contribuir para a formação de leitores e escritores à medida que proporciona momentos de troca entre os alunos e entre esses o professor, tornando o conhecimento dos alunos em conhecimentos letrado. Nesses momentos, estabelecem-se verdadeiras “relações de ensino”. Entretanto as pressões institucionais (programas e calendários a serem cumpridos) levam o professor a preocupar-se muito mais com sua “tarefa de ensinar” e essa preocupação leva-o, muitas vezes a silenciar o aluno. A falta de conhecimento dos professores sobre os diversos meios de trabalhar leitura faz com que cada vez mais os indivíduos tenham sérios problemas na organização do pensamento e na escrita.



Segundo Martins (1994:29) “Para ampliar as noções de leitura pressupõe transformações na visão de mundo em geral e na cultura em particular”. Presencia-se em nossa cultura que o processo de leitura se limita muitas vezes aos livros didáticos. A escola como uma das instituições que contribui em grande parte para a formação dos indivíduos, deve oportunizar aos alunos a leitura de mundo, oferecendo-lhes textos diversos, fazendo uma ponte com sua realidade, ou seja, sua experiência de vida, e depois transformá-la num conhecimento que envolva experiências que a leitura favorece, ao mesmo tempo incentivar tanto a fantasia como a consciência da realidade objetiva, proporcionando elementos para uma postura crítica, apontando alternativa para transformar e recriar o que esta a sua volta.

As transmissões dos conhecimentos na escola ganham sentido quando são produtos de uma construção entre o que o aluno aprende na escola e o que ele traz consigo para a mesma.

Sob essa ótica, a aprendizagem da leitura, tradicionalmente restrita a mera aquisição e decodificação do código lingüístico, com conteúdos fragmentados, pouco ou nada contribuem para a nossa formação leitora. Em geral não prepara para pensar e solucionar os problemas com os quais nos deparamos cotidianamente enquanto cidadãos e seres sociais, privando os nossos alunos da formação de uma consciência crítica, de uma compreensão mais real do mundo em que vivemos. Para Freire (apud SEVERINO, 2001, p. 8 ):

... Escrever, alfabetizar-se é, antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula imagem e realidade”.

Necessitamos assim de uma sólida formação profissional. Para que as mudanças ocorram, não podemos estar pautados em concepções mecânicas, com ações meramente decodificadoras.

Martins (1994, p. 23) aponta que:

... Apesar de séculos de civilização, as coisas hoje não são muito diferentes. Muitos educadores não conseguem superar a prática formalista e mecânica, enquanto para a maioria dos educandos aprender a ler se resume à decoreba de signos lingüísticos, por mais que se doure a pilula com métodos sofisticados e supostamente desalienados. Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar o porquê, como e para quê,

impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Enquanto educadores precisamos ter consciência que ler não é um ato mecânico, descontextualizado, limitado à decifração ou oralização de textos, segundo etapas pré-determinadas.

Freire (2001, p. 21) trata a importância do ato de ler como sendo a “[...] percepção crítica, interpretação e reescrita do lido [...]”.

Tudo isso nos leva a rever a prática docente, sabemos que transformá-la não é algo fácil, porém é necessário. É preciso rever o papel do educador e sua relação com os alunos e com o conhecimento.

A transformação desta prática é que é realmente difícil, já que obriga a redefinir o papel do professor e a dinâmica das relações sociais dentro e fora de sala de aula [...]” (FERREIRO, 1995, p. 39).

Dentro dessa perspectiva, o professor precisa ter conhecimentos teórico-pedagógicos como subsídio para desenvolver em sala de aula atos de leitura que considerem as diversidades textuais e a realidade desses alunos optando pela melhor forma de leitura que favoreça o prazer, a compreensão e a reflexão por parte do leitor. Somos conscientes que qualquer prática educativa está fundamentada numa teoria de aprendizagem.

Neste contexto, os alunos tendem a não perceber ou até mesmo a não se preocupar com o verdadeiro significado, e o verdadeiro valor que a leitura tem para sua vida. Porém se acreditamos que a aprendizagem será impulsionada mediante desafios e problematizações, seremos assim, um agente incentivador à pesquisa e às descobertas.

Nesse contexto, o educador é um dos responsáveis pela formação de um novo tipo de leitor, capaz de entender as novas exigências do mundo contemporâneo. Tendo nas mãos essa incumbência e responsabilidade, o educador precisa estar certo para propiciar aos alunos tal formação, sendo ele também um bom leitor. Pois, se ele não adquiriu competências básicas de leitura e escrita, como poderá propor essa formação aos educandos?

Então, não poderíamos aqui falar dos desafios vivenciados pelo professor para formar alunos leitores, sem também falar da formação leitora dos próprios professores. Não é possível discutir o lugar da leitura na escola sem que se discuta o lugar da leitura em nossas vidas.

Precisamos revistar a nossa própria história e a nossa relação com os alunos, identificando as razões da existência de alunos leitores e não leitores e refletindo sobre a nossa condição e leitores.

Concordamos com CARDOSO (p. 51) ao dizer que:

[...] A aprendizagem e compreensão do pensamento do professor é essencial se partirmos do pressuposto de que a inovação só é possível se eles considerados como motores desse processo.

Deste modo, a mudança de postura, a inovação terá que partir do próprio professor. E ele que decide sua forma de atuação.

As instituições educativas precisam oferecer condições favoráveis para construção significativa da aprendizagem, tendo o aluno como ser ativo, tornando-se autônomo no processo de reconstrução do conhecimento, onde a escola como um todo pode ampliar e reformular seus conceitos de leitura.

Neste sentido, acreditamos na possibilidade de contribuirmos para uma reflexão-ação-raflexão, promovendo ações coletivas que viabilizem o processo de formação do leitor crítico e reflexivo. Não como um ato solitário, mas na troca mútua de experiências, compartilhando angústias, anseios e resultados, onde cada professor é chamado a desempenhar seu papel de formador. Uma vez que na atual sociedade não há mais espaço para uma prática mecânica de leitura, com procedimentos que exijam do leitor a mera reprodução ou a transcrição do que já está escrito.

Como evidencia BRANDÃO (1981, p. 30), “[...] Um trabalho mecânico de ensino de uma habilidade necessária, mas neutra [...] se aprender pelo esforço do simples repetir sem

refletir.” Neste sentido, a formação de leitores emerge como prioridade e como um grande desafio da educação.

Fica claro que sofremos hoje conseqüências de uma realidade histórica excludente, onde a falta de alcance à leitura e à escrita prejudica sobremaneira a qualidade de vida das pessoas. No século que está sendo chamado de século do “conhecimento”, mais e mais saberes aliados a competências tornar-se-ão indispensáveis para a vida cidadã.

A igualdade e a liberdade tornam-se os pressupostos fundamentais do direito da educação, pois o acesso ao conhecimento sempre teve um papel significativo na estratificação social. Ser privado do acesso à cultura letrada é de fato, a perda de um instrumento significativo na convivência de uma sociedade menos desigual e mais justa.

Um outro aspecto que deve ser abordado refere-se a freqüente reclamação de que as crianças, jovens e adultas não lêem devido à forte influência da televisão. Como declara Theodoro (1994) “...Esta se transforma num todo poderoso instrumento que aos poucos aniquila a vontade de ler textos escritos.”

Freire (1982:42) num dialogo tematizando a mesma questão, diz que:

... a linguagem audiovisual teria que ser um acrescentamento à outra, e não uma substituição. Pelo menos no momento, não me vejo num mundo em que a palavra escrita desapareça. Depois de milênios sem a palavra escrita, foi à própria conquista da palavra escrita que deflagrou toda esse processo, toda essa evolução. E eu não vejo como agora ela desapareceria, por causa de uma nova linguagem.

Diante de tais colocações, vimos que assistir televisão também implica um certo tipo de leitura, possibilitando desafios cada vez maiores para a compreensão e decisão do leitor. Como esclarece, como esclarece Teodoro (1993:59): “ Reduzir o processo de leitura somente ao verbal-escrito é perder de vista a realidade em que todos nós estamos inseridos”.

O grande problema aparentemente é que as novas linguagens, os novos veículos para finalizar, enfatizam a importância de se ouvir os jovens e adultos no que se refere às suas experiências com relação à leitura e à escrita, assim como estimular a troca de impressões e

opiniões entre eles e o educador acerca das funções e possibilidades da leitura e da escrita. É uma forma da escola desenvolver um trabalho voltado para os reais interesses e necessidades dos alunos, um trabalho no qual leitura e escrita não sejam apenas “armas, mas regatem o caráter de “sonho”, fantasia, prazer e produção de sentidos pessoais que a linguagem escrita pode e deve ter. Dessa forma a escola estará contribuindo efetivamente para a formação de leitores e não apenas de indivíduos alfabetizados. Pessoas que sejam capazes de ir além da leitura de placas de ônibus, que sejam capazes de ter, na leitura e na escrita, meios de explorarem as possibilidades que a vida pode oferecer.

## **Capítulo IV- A concepção de leitura a partir dos professores da EJA**

### **4.1- Analise dos resultados**

- O que pensam as professoras sobre o processo de leitura?

Estes dados foram coletados através de um questionário aplicado com as professoras da Escola Municipal Instituto Educacional Antonio Lacerda Neto, na cidade de São José de Piranhas –PB, com o objetivo de investigar o processo de leitura na Educação de Jovens e adultos. As discentes aqui investigadas foram identificadas como “A”, “R” e “E”.

Referente ao hábito da leitura, todas as professoras afirmaram que gostam de ler. Conforme o depoimento da professora “A”: “ a leitura é de grande importância porque com o hábito de ler nós aperfeiçoamos o nosso vocabulário e despertamos o prazer e desejo de aprender, vendo o mundo de olhos mais aberto”, a professora “E” respondeu: “através da leitura adquirimos muitos conhecimentos.” Diante dessas afirmações, percebemos que é de grande importância para as professoras o ato de ler, pois a leitura nos ajuda a refletir e criticar os pensamentos dos autores. De acordo com Cunha(1986,p:32) :

A definição etimológica da palavra leitura vem do latim *latus* que apresenta o sentido de comentário. Derivado do verbo ler, do latim *legere*, corresponde a percorrer com vista e interpretar o que esta escrita captando o significado do que é lido, compreendendo o que o autor quis dizer. Pode-se ir mais adiante, ao entender a leitura enquanto o esclarecimento analítico ou não de determinado fato,

Neste sentido, é importante que o professor esteja bastante preparado para trabalhar a leitura em sala de aula, desfrutando de sua dedicação do seu conhecimento teórico, usando sua criatividade e de muita perseverança para enfrentar os desafios que a leitura impõe. Infelizmente essa não é uma realidade na escola pesquisada, pois as professoras da instituição tiveram um treinamento para trabalhar com a EJA, muito curto e acreditamos que não proveitoso, pois uma semana não deixa professor qualificado para assumir tamanha responsabilidade que é ensinar os jovens e adultos a ler e escrever, sem contar a falta de material para trabalhar com esses alunos que nem um livro próprio para a EJA eles tem, um das professoras usa o livro didático de sua filha que estuda em escola particular, entre outras dificuldades. Por pertencer a uma escola municipal, a professora “R” relatou que participam dos PCNs, de quinze em quinze dias com a coordenadora da EJA, “este curso oferecido pela Secretaria de Educação do Município, discutem essa modalidade de ensino e apresentam propostas, projetos específicos para EJA, mas quando parte para a realidade da sala de aula nem folhas tem para trabalhar esses projetos.”

Diante da tamanha importância que a leitura apresenta, o professor deve priorizar as atividades de leitura todos os dias da semana na sala de aula com seus alunos. Todas as quatro professoras (100%) afirmaram que realizam atividades de leitura todos os dias da semana. Segundo GAGLIARE (1997,p.148) o professor deve saber que:

A atividade fundamental desenvolvida pela escola para a formação dos alunos é a leitura. É muito mais importante saber ler do que escrever. O melhor que a escola pode oferecer aos alunos deve estar voltado para a leitura. Se o aluno não se sair muito bem nas outras atividades, mas se for um bom leitor, penso que a escola cumpriu em grande parte a sua tarefa.

No que se refere ao material utilizado para trabalhar leitura com os alunos, todas as professoras afirmam que não resume o ensino da leitura somente ao livro didático, também utilizam jornais, revistas, bulas de remédios, receitas culinárias e outros tipos de textos informativos.

Apesar do uso do livro didático ser muito eficaz, existe a necessidade do professor buscar novas práticas educativas para poder adequá-las à realidade do aluno. Os textos informativos ajudam ao professor a fazer uma ligação entre a realidade do aluno e a sala de

aula. Mediante o ponto de vista da professora "A", "Com textos informativos eles se interessam mais e prestam mais atenção" Percebemos que existe a necessidade de se adequar às práticas educativas a realidade desses alunos justamente porque os mesmos já possuem um conhecimento cultural e um nível de subjetividade diferenciado das crianças do Ensino Regular.

Por essa razão não acreditamos nas cartilhas que pretendem fazer uma montagem de sinalização gráfica como uma doação e que reduzem o alfabeto mais a condição de objetivo de alfabetização do sujeito da mesma (FRIRE:, 1979, p.72)

O papel do educador é buscar novas metodologias, adequá-las a realidade do educando, não seguindo a padronização da cartilha que reduz o aprendizado a símbolos pré-determinados e que não condizem com o contexto do aluno: "As cartilhas não consideram a peculiar lógica do desenvolvimento cognitivo do aluno, apoiando-se tão somente na lógica do sistema de escrita de ensinar" (FUNK, 1994, p 14).

Dessa forma, não basta somente revermos o material didático, porém é preciso não só o educador repensar no seu papel enquanto mediador de uma aprendizagem que priorize a bagagem de conhecimento trazida por seus alunos, mas também a flexibilidade das instituições em permitir a realização de um trabalho diferenciado e investir em material didático e na qualificação dos profissionais dessa área.

A leitura pode ser trabalhada de forma individual, oral e coletiva. Segundo os dados coletados 95% das professoras trabalham a leitura das três formas.

A leitura individual que também é conhecida como leitura visual silenciosa, tem grandes vantagens comparadas aos outros tipos de leitura.

Não só inibe o leitor por questões linguísticas, como permite ainda uma velocidade de leitura maior, podendo cio parar onde quiser e recuperar passagens já lidas, o que a leitura oral de um texto não costuma permitir. Dai a conclusão de algumas pessoas de que a leitura silenciosa favorece mais a reflexão sobre o texto. (GAGLIARE, 1997, p. 156)

A leitura individual é uma das técnicas da leitura que deve ser aplicada principalmente para os indivíduos que dominam a leitura. Na aplicação de um tipo de atividade como essa para jovens e adultos é necessário, adquirir a confiança dos jovens e adultos, ter paciência, conhecer seus interesses, saber ouvir, respeitá-los sem subestimar sua inteligência, travando-se, assim um diálogo, tendo em vista a compreensão do mundo individual e social dos jovens e adultos e dos educadores. O educador deve induzir os seus alunos a ler romances, contos, poesias, histórias e periódicos como VEJA, ISTO É, e outras relacionados a diversos assuntos tais como: moda, arte, assuntos atuais e etc., evidenciando que os jovens e adultos não estão alienados do mundo, que quer manter-se informado e deseja exercer seu direito de cidadania.

A leitura coletiva é outra técnica de leitura que deve ser mais utilizada por indivíduos que não dominam a leitura. O importante nessa atividade de leitura é que o educador ouça a opinião de cada jovem e adulto na discussão do texto utilizado. Ler para o jovem e adulto é ter o prazer de reabilitá-lo ao mundo social. O pluralismo interpretativo dos comentários do um texto deixa claro que cada um pode manifestar sua verdade e ter sua visão de mundo. O texto abre o espaço para os comentários e interpretações, propondo uma escolha de pensamento e de comportamento.

Segundo as professoras a escola pesquisada trabalha as técnicas de leitura respeitando o nível de aprendizagem de cada aluno, pois, o ensino de jovens e adultos é dividido em nível pré-silábico, silábico, pré-alfabético e alfabético.

De acordo com os dados coletados, 100 % das educadoras priorizam a leitura oral em sala de aula, não desfrutando da leitura silenciosa. A leitura oral é um tipo de leitura que proporciona ao leitor decifrar o que está escrito e depois reproduzir oralmente o que foi decifrado. A leitura em voz alta pelo próprio jovem e adulto é a melhor modalidade lingüística para ajudar a memorização e, conseqüentemente, a aprendizagem no início da idade escolar. Geralmente, os alunos são (treinados e ensinados a ler de maneira inadequada, se preocupam somente em reproduzir oralmente os símbolos escritos corretamente não dando importância à interpretação do que foi lido).

A prática de leitura utilizada nas salas de aula da instituição se aproxima muito do método tradicional, a educadora "A" confirma "Eu gosto muito de fazer ditados de palavras com os



meus alunos e eles adoram sempre pedem pra eu fazer" Assim observamos que nesta instituição, a leitura oral está diretamente ligada á repetição das palavras ditadas. É uma leitura que via de regra, dirige-se à professora.

A educadora conduz as atividades nas quais "ensinar a ler" por uma estratégia que consiste em apontar as letras e as sílabas para que os alunos identifiquem os sons por elas formados. É o tipo de método de alfabetização que Ferreiro (1991) classifica como "método sintético" "O método sintético insiste, fundamentalmente na correspondência entre o oral e o escrito, entre o som e a grafia. Outro ponto chave para esse método é estabelecer a correspondência a partir dos elementos mínimos, num processo que consiste em ir das partes para o todo" (FERREIRO, 1991, p. 19)

Para TEBEROSKY e COLOMER (2003 p. 122):

O procedimento de ditado é bem difundido no âmbito escolar. De fato, freqüentemente o professor faz ditados aos alunos, com o objetivo de avaliar a ortografia: dita o texto já preparado, com o único propósito de verificar se os alunos conhecem as regras de transcrição da ortografia padrão. Diferentemente, o que propomos aqui é que as crianças ditem ao professor, que se prestará como escriba para produzir um texto.

Trabalhar leitura na Alfabetização de Jovens e Adultos não é uma tarefa fácil, mas o professor que busca técnicas inovadoras para administrar o problema com mais cautela.

Perguntamos as professoras se elas sentem dificuldades para trabalhar a leitura com os seus alunos, 95% das educadoras sentem dificuldades e 5 % não sentem dificuldades de administrar a leitura em sala de aula.

Nesta instituição de ensino, as educadoras que sentem dificuldades para tornar os alunos bons leitores devido à falta de material próprio para EJA, problema de vista dos alunos que reclamam visão curta. Contudo, procuram superar as dificuldades incentivando o aluno a ler através do diálogo, procuram ler com eles em voz alta, trabalham textos que retraiam a realidade do educando, fazem pesquisa em livros didáticos e trocam idéias com as demais professoras a respeito de como trabalhar a leitura.

reclamam visão curta. Contudo, procuram superar as dificuldades incentivando o aluno a ler através do diálogo, procuram ler com eles em voz alta, trabalham textos que retraiam a realidade do educando, fazem pesquisa em livros didáticos e trocam idéias com as demais professoras a respeito de como trabalhar a leitura.

Enquanto a escola não assumir uma proposta séria de valorização do papel da leitura no desempenho escolar do aluno, enquanto os professores dos diferentes componentes curriculares (disciplinas) não assumirem seu papel na formação de leitores para toda a vida e continuarem a afirmar, simplesmente que os alunos não gostam de ler (educadora "R"), o problema da leitura vai continuar interferindo negativamente na aprendizagem e no desempenho escolar dos jovens e adultos.

As estratégias de leitura usadas pelas as professoras da escola, seguem uma linha que está voltada para o pensamento de muitos estudiosos da área da educação. O educador deve desenvolver um vínculo de afetividade com o educando através do diálogo e partir do próprio contexto do aluno para iniciar o processo de alfabetização com sucesso.

A alfabetização não pode ser reduzir a um aprendizado técnico-lingüístico, como um fato acabado e neutro, ou simplesmente como uma construção pessoal intelectual. A alfabetização passa por questões de ordem lógico-intelectual, afetiva, sócio-cultural, política e técnica (FREIRE, 1996, p.60)

A Educação de Jovens e Adultos precisa desenvolver um trabalho que valorize o contexto que o educando esteja inserido, considerando seu modo de ser.

No que diz respeito a função a leitura, uma das docente afirmou: "É através da leitura que descobrimos o nosso valor como cidadão" (educadora "E") Acredita que, para ser um integrante de uma sociedade, o individuo necessita de um minimo de leitura, por exemplo, atitudes como pegar um ônibus, encontrar uma rua, fazer compras, deslocar-se de uma cidade para outra, operar um caixa eletrônico ou simplesmente atravessar uma rua pressupõe possuir a habilidade da leitura, outra docente ressalta: (Educadora "R") "a leitura é muito importante, pois além de ser uma fonte prazerosa, é uma maneira que temos para enxergarmos o mundo de olhos aberto, é uma forma interpretarmos o que esta escrito e o mundo a nossa volta",

A leitura e a extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança muito maior do que qualquer diploma ((GAGLIARI- 1997, p 148)

As palavras da educadora "A" confirma: "A leitura é importante para nós e para quem nos rodeiam. O ato de ler é importante para qualquer ser humano".

GAGLIARE (1997, p 149) menciona "Ler é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, culturais ideológicos, filosóficos, mas ate fonético".

Muitos alunos apresentam dificuldades em matérias como matemática. Na verdade, esses alunos apresentam dificuldades de leitura, conhecem os números sabem efetuar operações com os números e de fato não interpretar o enunciado da questão. A leitura em qualquer disciplina e a compreensão da leitura depende do conhecimento de mundo do leitor e, principalmente, da multiplicidade de sentidos que podem ser atribuídos ao texto. Portanto, quanto maior for a diversidade de leituras, maior será a possibilidade de ampliação do conhecimento de mundo do leitor, de fazer interferências, de exercitar a compreensão.

Porém uma coisa interessante é que tanto a professora preocupa-si em perdê-los, eles também tem um maior respeito e carinho pela professora em que num depoimento de um aluno afirma: "Nós estamos aqui para ajudar a professora ela precisa do emprego". Prova disso é a presença dos pais da professora como alunos.

No entanto, a maioria dos alunos da EJA acomodam-se em apenas aprender a escrever o seu nome, e ler o básico, eles não gostam de "esquentar a cabeça" quando a professora coloca-os para pensar eles reclamam, no depoimento de uma aluna ela afirma "estou aqui para mi divertir, fazer amizades e ajudar a professora, pois o que eu queria já aprendi, que foi escrever o meu nome". Talvez essa seja a função Social da EJA, em que os alunos já têm consciência do que querem aprender e entendem que o trabalho da professora depende da presença dos educandos, muitos encaram a sala de aula como um ambiente de descontração, encontro de amigos, socialização em que acabam trocando experiências e conversando sobre o que acontece na cidade no seu dia-dia.

## Capítulo V- Vivenciando o processo de leitura na Eja

Logo de início é necessário entender a forma de pensar e de construir o conhecimento dos adultos. Essa é uma grande dificuldade entre os profissionais de educação, diz a professora A "o que dificulta o processo de avaliação dos avanços conquistados". Segundo ela, é por isso que, às vezes, os alunos são rotulados como "incapazes de aprender".

A raiz desse problema está na formação inicial. Nem todos os cursos de Magistério, tanto no nível médio quanto no superior, se preocupam com o público que será atendido. Só que o professor de EJA deve ter competências relativas às especificidades dos estudantes.

Resolvida essa primeira questão, é hora de assumir a classe. Já no contato inicial, foi preciso conhecer melhor o público e nada melhor do um diálogo para conseguir essas informações. Toda a programação de aulas foi pautada nos conhecimentos trazidos pelos educandos, ou seja, o queriam aprender? Quais as suas necessidades? Ouvimos também os professores, tendo que vista que são estes que estão cotidianamente em sala de aula com os educandos.

Como na grade maioria das escolas públicas de ensino, nesta não havia abundância de materiais específicos para essa modalidade de ensino. Desse modo, o professor precisar pesquisar e ser criativo. "Essa é mais uma dificuldade, Comentam as professoras, porque muitas vezes, quando entra numa classe de EJA, o professor já está em sua segunda ou terceira jornada", acrescenta a educadora A. "Para dar conta do recado, só com muito comprometimento". Um caminho para driblar a questão é criar estratégias de formação sugeridas pelos encontros PCNs. Montar um grupo de estudos com colegas interessados no tema, procure textos, convide pessoas mais experientes para uma reflexão, promova oficinas. Isso vai ajudá-lo a encontrar uma linha de trabalho, mas para isso o professor precisa de tempo e dedicação.

Ao iniciar o trabalho de estágio com a turma de jovens e adultos, defrontei-me com problemas típicos de turmas regulares, como baixa auto-estima, pouca participação e muitos atrasos e faltas, porém esse não é um problemas apenas da EJA é notado em outras modalidades de ensino. As razões que movem os mais velhos, no entanto, são diferentes. A auto-estima é baixa porque vivemos numa sociedade que os faz desacreditar da própria

capacidade cognitiva. "Cabe ao educador encontrar meios de fazer todos os alunos (sem exceção) acreditarem em si mesmos", ensina a professora B, da Escola pesquisada. Ela é coordenadora do ensino regular durante o dia e leciona para classes de EJA à noite. "É preciso ter sensibilidade para ouvir e interpretar o comportamento deles. Chegar atrasado ou participar pouco, por exemplo, não são necessariamente sinais de falta de interesse". A instituição tem a obrigação de responder às necessidades e lidar com problemas pessoais dos alunos os conteúdos têm que ser relacionados com a vida deles se não eles desistem.

Também é comum, o estudante enfrentar uma fase de insegurança. Ele chega atrasado porque estava trabalhando cuidando de um filho doente ou está com problemas em casa. A evasão nesse segmento é tão alta que chega a ser encarada como natural. Após o trabalho, com questões familiares para resolver, o estudante só fica na aula se ela for muito estimulante. "Perdê-lo é fácil", diz a professora A. As classes de EJA são heterogêneas, misturam jovens urbanos envolvidos em movimentos da cultura de massa, pessoas que precisam do diploma para uma promoção no emprego, migrantes da zona rural, gente que almeja uma participação político-social mais ativa, idosos, fiéis que querem aprender a ler a Bíblia... Mas todos ganham com a diversidade. O perfil dos alunos observados são pessoas de 32 a 75anos, a maioria dos alunos da turma do estagio são pessoas idosas com 60, 72 anos, muitos estão lá para passar o tempo, não ficar sozinhos em casa, aprender a escrever o seu nome, assim como aprender a ler de acordo com as necessidades do dia a dia. Eles se respeitam e trocam constantemente experiências é como uma família uma aluna diz "aqui eu venho pra mi divertir, fazer amizades e aprender".

Em um processo de alfabetização de adultos é fundamental considerar em que práticas de leitura essas pessoas se envolvem e com que objetivos almejam ler. Os alunos que pesquisamos, em suas demandas mais urgentes, é aprender a escrever o seu nome, assim como revelaram que gostariam de aprender a ler para poder identificar os ônibus, fazer a leitura da Bíblia, reconhecer seu nome na folha de presença do trabalho, acompanhar as notícias nos jornais, dentre outras. Entretanto, tais necessidades não justificam que devem aprender apenas atividades de leitura e de escrita que tenham apenas esses fins específicos. Não devemos pensar que eles precisam da comunicação escrita apenas para fins instrumentais.

Se os alfabetizando adultos são capazes de fazer com competência a leitura do mundo, podem também ser competentes para a leitura de revistas, jornais, livros, Bíblia, folhetos etc. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre texto e contexto.

Sendo assim, o ato de ler, antes de tudo, é um ato crítico e aquele que está aprendendo a ler e a escrever, deve ser concebido como o sujeito do conhecimento, ou seja, é por meio das interações que se constrói o contexto.

Nas sociedades urbanas em que vivemos atualmente, os analfabetos estão diariamente expostos aos mais diversos gêneros textuais, mesmo que deles não se utilizem. Nos mais variados contextos sociais a língua escrita está presente: nas ruas, nas igrejas, nos supermercados etc. Dessa forma vão usando estratégias, as mais diversas, para compreender os textos.

Um dos alunos que participou de nossa pesquisa contou-nos que vai ao supermercado sozinho e que compra todos os produtos de que necessita, inclusive escolhendo as marcas de que gosta, um outro nos disse que já reconhece os remédios. Ou seja, os alfabetizados se sentem mobilizados diante de suas necessidades e assumem uma posição ativa diante do texto. Sendo assim, o importante não é possuir um grande repertório de estratégias de leitura e sim saber usá-las para entender o que está escrito. Portanto, numa sala de alfabetização de jovens e adultos é necessário que o texto escrito tenha presença marcante e que o alfabetizador sempre faça uso da língua escrita, não apenas no sentido de “decodificar e codificar”, para que os alunos se tornem leitores eficientes e possam participar dos usos e das funções sociais que a linguagem escrita assume nas sociedades atuais.

O fundamental numa alfabetização de jovens e adultos é que mesmo quando os alunos dizem que não sabem ler, eles sejam levados a crer que a leitura não é um processo de decifração, mas um processo de construção de sentidos do texto. Como nos afirma Kalman (2003, p. 77), é preciso: “compreender a leitura e a escrita mais como práticas sociais do que como um conjunto de habilidades centrado na manipulação mecânica dos elementos isolados do texto”.

Conforme Goulart (2003, p. 106):

(...) alfabetizar é menos impor modelos que permitir que o sujeito desenvolva sua forma de captar o simbólico social nos textos (e aí está incluído o sistema de escrita), a partir de sua subjetividade, com a sua marca, a sua assinatura. A construção da identidade individual no processo de produção de textos parece estar fundada na construção da identidade social.

Não somente nas atividades de leitura, mas também nas de escrita é fundamental que os alunos possam ir compreendendo e penetrando na organização da linguagem escrita socialmente relevante. Como nos diz Kalman (op. cit., p. 25), conforme tradução nossa: Alfabetizar-se em um sentido amplo - é aprender a manipular e utilizar a linguagem deliberadamente para participar em eventos socialmente valorizados - implica tomar parte em situações geradoras de leitura e escrita onde estas práticas são mobilizadas e utilizadas.

Entretanto, reconhecemos que é um imenso desafio alfabetizar e garantir a Educação Básica a todos os brasileiros, apesar deste direito ter sido estabelecido pela Constituição de 1988, até hoje, grande parcela da população brasileira não tem acesso à escola e às aprendizagens necessárias para viver e participar de uma sociedade complexa como a nossa. São pessoas excluídas da escola que não puderam compartilhar procedimentos, ter acesso a conhecimentos e desenvolver habilidades exigidos pela sociedade. Esses Jovens e adultos que freqüentaram pouco ou não tiveram acesso à escola, criam estratégias próprias para lidar com as situações que precisam da leitura e da escrita.

A maioria dos alunos da EJA trabalha durante todo o dia e estudam durante a noite. Muitos deles trabalham, também, aos finais de semana restando pouco tempo para o convívio familiar, descanso e tarefas domésticas. Esses alunos, freqüentemente, não querem abdicar desse dia para realizar uma tarefa escolar, aí entra o papel do professor para estimular esses alunos a ler em casa, tornando possível mostrar aos alunos um significado para essa atividade, sempre se levando em consideração que os alunos da EJA não devem ser furtados do direito ao conhecimento como os alunos que estão em idade regular dos cursos diurnos e incentivando que eles podem ir além de aprender apenas assinar o seu nome, apoiando-se em FREIRE (1997:26) que postula que:

Ensinar não é transferir conhecimento, conteúdos, nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso ou acomodado (...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.

A educação de jovens e adultos é uma das vias indicadas para fazer frente a estas estratégias, à exclusão e à desigualdade social. É fundamental para construção de uma sociedade mais justa e democrática uma Educação de Jovens e adultos de qualidade. É uma das maneiras eficientes de assegurar os direitos humanos se permitir que cada um exerça a cidadania valorizando a diversidade cultural, evitando a discriminação e promovendo a solidariedade entre os povos.

Aprender a ler não é só obter conhecimento, nem tão pouco, adquirir um novo código, saber ler interpretar esse ato, de forma crítica e ativa, e em última instância, obter mais elementos para refletir sobre as condições da vida humana, é ter acesso a um mundo diferente daqueles que não dominam a leitura, pois para se viver na sociedade urbanizada e tecnologicizada na qual vivemos hoje em dia é necessário termos um domínio cada vez mais amplo da leitura.

Foram propostos novos alternativa para se trabalhar o processo de leitura e ensinar jovens e adulto a ler é o método Paulo freire (as palavras geradoras): O Método Paulo Freire consiste numa proposta para a alfabetização de adultos desenvolvida pelo educador Paulo Freire, que criticava o sistema tradicional que utilizava a cartilha como ferramenta central da didática para o ensino da leitura e da escrita.

Entretanto, percebemos que, temos na sala de aula, por um lado, práticas de leitura e escrita consideradas relevantes pelo professor, que possuem como característica principal à produção de um sentido escolar para os atos de ler e escrever. Livros de história, jornais, livros didáticos são todos trabalhados como “instrumentos” para ensinar a ler e a escrever, desconsiderando-se o caráter interativo da leitura e da escrita, sua ligação com a vida e a historia pessoal de cada leitor. De outro lado, nesse mesmo espaço da sala de aula, encontra-se práticas de leitura e escrita que não são incentivadas pelo professor (e muitas vezes nem se que legitimados), mas que efetivamente acontecem entre crianças, jovens e adultos. A leitura de imagens, os comentários que tecem entre si a respeito dos textos lidos,



o esforço dos educandos para resgatarem caráter dinâmico e intersubjetivo da leitura e da escrita.

Desse modo, precisamos urgente encontrar e colocar em prática, novas estratégias pedagógicas que busquem trabalhar a linguagem de forma dinâmica e interativa entre professor/aluno.

Então, é de fundamental importância o estudo dessa temática, levando em conta a forma como é trabalhada a leitura na EJA, pois entendemos essa questão torna-se cada vez mais urgente, necessitando uma revisão das posturas e práticas que utilizamos para a orientação e formação de leitores.

## Algumas Considerações

Na educação de jovens e adultos, não é nova a percepção de que as pessoas são portadoras de cultura e que dominam uma série de conhecimentos. Isso nos trouxe algumas implicações, a primeira delas foi a de tomar como ponto de partida os saberes conhecimentos que o alfabetizando já tem, que ele traz da sua vivência em família e em sociedade. Aprende-se estabelecendo relações entre o que já se sabe e o novo que se apresenta

A chave para quem trabalha com Educação de Jovens e Adultos (EJA) é o conhecimento prévio. Reconhecer os alunos como iguais portadores de cultura e de saberes, é o primeiro passo para o sucesso. Afinal, eles estão voltando para a escola em busca da educação que o mercado de trabalho exige. Muitas vezes chegam cansados, depois de um dia de trabalho, com pouco tempo para dedicar aos estudos, mas cheios de histórias e vivências, ou seja, com um conhecimento prévio bem diferente (porque muito maior) do que as crianças.

Em nosso pensar, o ensino da leitura na Educação de Jovens e Adultos da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Instituto Educacional Antônio Lacerda Neto, no município de São José de Piranhas, teve uma contribuição muito favorável a partir do estágio que foi realizado, pois podemos deixar bem claro muitos aspectos que misteriosamente dificultam o ensino da leitura, contribuindo para que a escola entre em um estágio de transição, saindo de uma etapa em que a modalidade conta apenas com a utilização da cartilha (que não é escolhida pelos professores do EJA).

Com base em nosso estudo, podemos concluir que a troca de experiência com as professoras que trabalham a leitura com Jovens e Adultos enriquece o nosso conhecimento a respeito da temática, uma vez que procuramos aplicar novas formas pedagógicas em sala de aula, em busca resultados que comprovam o sucesso eficaz dos estudos a respeito da leitura.

O desinteresse dos educandos é um outro fator que colabora para o estado de acomodação dos educadores, pois esses se conformam em aprender apenas a escrever o seu nome, e acostumaram com a cartilha como sendo um dos meios mais usados de aquisição da leitura e escrita.

O método utilizado pelas professoras para desenvolver o processo de leitura com a EJA em alguns casos ainda permanece no método tradicionais usos de cartilhas ensinavam pelo método da repetição de palavras e sílabas soltas e a leitura é trabalhada, assim (B com A beaba ), ou de frases criadas de forma forçosa (em linguagem de cartilha), como Eva viu a uva, O bebê baba dentre muitas outras.

A partir dessas conclusões, temos em vista também algumas considerações no sentido de que sejam feitos cursos regulares de capacitação para os profissionais atuantes nas classes da EJA, para que os mesmos possam refletir sobre sua prática e criar estratégias para modificar essa prática descontextualizada, o investimento por parte do Município, subsidiando materiais didáticos para que se possam criar ambientes estimuladores do processo da aquisição da leitura, a parceria dos familiares e da própria instituição de ensino, em dar credibilidade à atuação dos educadores, no sentido de não cobrar que a cartilha seja utilizada e preenchida em um tempo mínimo fixado e, por fim, poder contar com a disposição, boa vontade e entusiasmo dos professores em assumir esse compromisso de mudança, para que esse espírito de transformação contagie e motive os educandos das classes da EJA, para que os mesmos também lutem para ser partícipes de uma prática educativa coerente com a realidade cultural por eles vivenciada.

A modalidade de ensino EJA permite aos seus educandos uma compreensão nítida da realidade e experiência de cada aluno, das necessidades básicas de aprendizado considerando seus valores, saberes, diversidade de interesses e competências adquiridas na prática social. Na maioria das vezes as práticas pedagógicas possibilitam que este aluno veja a leitura como algo enriquecedor capaz de proporcionar-lhe autonomia o crescimento individual, trazendo-lhe ricos conhecimentos sociais e culturais.

O desenvolvimento das qualidades e perceptivas do aluno da EJA torna-se um caminho aberto para encontrar-se e sentir-se inserido no mundo atual. Acreditamos que sentir e perceber o mundo ao seu redor facilita a aprendizagem evidenciando um caminho mais legítimo para a democratização da educação. Tendo assim como objetivo formar pessoas capazes de usar a leitura e linguagem escrita para diversos fins é fundamental colocar os educando em contato com textos e práticas reais, que demanda leitura e escrita desde o início

do processo de aprendizagem, no entanto deve-se garantir também que eles aprendam como funcionam o sistema alfabético brasileiro. Os valores das letras na leitura e a conversão dos fonemas na escrita. Contudo precisa-se ir além desta etapa e conhecer os diversos tipos de texto para que os alfabetizados desenvolvam habilidades de leitura e escrita, tornando-se usuários autônomos deste instrumento, algo que possa ser usado ao longo de toda sua vida.

Na práxis, testamos e comparamos o que já sabemos e a partir de novas experiências de aprendizagem, verificamos a necessidade de modificar, aprimorar ou substituir nossos conhecimentos e saberes. À medida que jovens e adultos se defrontam com situações onde colocam em jogo o que já sabem, reorganizam essa bagagem e podem receber novas informações dos educadores e dos colegas. Dentro da concepção de que é importante fazer e refletir sobre o que se faz, para voltar a fazer e recriar.

De acordo com Freire (1992, p.28) “ reconhecer que o conhecimento não é um dado, algo imobilizado, concluído, terminado a ser transferido por quem o adquirir a quem ainda o possui”. Desta maneira nos mostra que produzir conhecimento faz parte da capacidade de todos, pois o conhecimento é inerente ao ser humano. Porém, muitos vêem o conhecimento como sendo produto unicamente do cientista. Assim sendo, o educador deve ver o educando como um sujeito ativo, que possui uma cultura, já trazendo consigo conhecimentos adquiridos na sua vivência diária.

Por fim, a avaliação. Ela não pode ser igual à de outros níveis de ensino. O professor tem de levar em consideração a quantidade de horas que os alunos estão expostos aos conteúdos, ou seja, a flexibilização do currículo para avaliar melhor. Segundo as professoras :“Cada um tem um ritmo e, por isso, nem sempre é possível cumprir o programa inteiro”. Nesse caso, deve-se priorizar o que é relevante de fato para a turma.

Portanto, o que não se pode esquecer o que mais importa é fazer parte do mundo letrado. Para chegar lá, esses estudantes precisam perceber que os saberes sistematizados facilitam suas relações pessoais e sua integração profissional. Porque sabedoria eles têm muita. Com eles descobrir que temos muito a aprender.

Encerra-se a monografia que contribuiu muito para a minha formação profissional e pessoal, que nos fez refletir sobre a nossa própria prática e criar estratégias para modificá-la de acordo com as necessidades do educando. Mas permanece o compromisso e a vontade de que nossas práticas pedagógicas como um todo, e em particular no tocante à leitura, sejam aprimoradas, a fim de que possamos efetivamente contribuir para a efetivação de um ensino de qualidade e para a construção de uma sociedade mais humana coerente com a realidade cultural por eles vivenciada.

**REFERÊNCIAS**

ABRANTES, W. M. Partir da realidade do aluno: o que é isso? In: Um salto para o futuro. Rio de Janeiro: Presidência da República/Fundação Roquette Pinto, 1995.

BRASIL. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. Disponível em : <http://www.mec.gov.br>. Acesso em: 10 de fevereiro 2007.

CAGLIARE, Luiz Carlos. Alfabetização e Linguística. 10ª ed. São Paulo: Scipione, 1997.

CARNEIRO, Moacir Alves. LDB fácil: *leitura critico-compreensiva artigo a artigo*. Petrópolis: Vozes, 2000.

CUNHA, Antônio Geraldo da et al. Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DIAS, Ana Lorio. Ensino da linguagem no currículo. Fortaleza, CE: Brasil Tropical. Coleção para professores nas séries iniciais; V. 5, 2001.

FREIRE, Paulo. A importância do ato de ler em três artigos que se completam. \ 8 ed. São Paulo Cortez, 1987.

\_\_\_\_\_ Pedagogia do Oprimido 22 ed São Paulo Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_ Professora sim, tia não cartas a quem ousa ensinar 9, ed São Paulo: Olho d'água, 1998.

FERNANDES, Dorgival Gonçalves. Alfabetização de Jovens e Adultos: Pontos críticos e desafios. Porto Alegre: Mediação, 2002.

FERREIRO, Emília Reflexões sobre alfabetização Tradução Horácio Gonzáles et al., 24 ed Atualizada São Paulo: Cortez, 2001.

FERREIRO, Emília, TEBEROSKY, Ana Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FUNK, Irene Terezinha. Alfabetização de Adultos. Relato de uma experiência construtivista. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

ORLANDI, Eni Pulcinelli Discurso e leitura. 6 ed. São Paulo: Cortez, Campinas, SP. Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

RICHARDSON, R J et al. Pesquisa social métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

SAVELI, Esmeria de Lourdes. Leitura na escola as representações e práticas de professoras Campinas . SP. 148 p. Tese (Doutorado em Educação)- Universidade Estadual de Campinas, 2001

SOARES, Magda Letramento um tema em três gêneros. 2 ed. Belo Horizonte Autêntica, 2001.

SOLE, Isabel. Estratégia de leitura. Trad. Cláudia Schilling. 6ª ed. Porto Alegre: Art Méd, 1998.

TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Tereza. Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtiva. Posto Alegre: Artmed; 2003.

## ANEXO I

### CARO PROFESSOR!

O questionário foi constituído de perguntas objetivas e subjetivas com as quais aproximamos do problema em questão. A opção por esse instrumento de pesquisa deu-se devido ao curto espaço de tempo para a execução desse projeto.

O universo pesquisado foi os professores da Escola E. Municipal Instituto Antonio Lacerda Neto, para a coleta dos dados.

Os dados coletados me ajudarão a compreender esta prática o que possibilita futuras discussões. Portanto, considero a colaboração de vocês ao responderem este questionário algo fundamental. Agradeço desde já a contribuição de todos.

Atenciosamente,

Tatiana da Silva

### QUESTIONÁRIO

1-- Você tem o hábito de ler?

sim       não       às vezes       semanalmente       quinzenalmente

2- Quais os tipos de leitura você costuma fazer?

livros didáticos       receitas       Panfletos       Literatura Infantil  
 livros sobre educação       jornais       ficção       romance  
 revista (Nova Escola, Veja, Isto é, Manequim, Ana Maria, etc)  
 contos       outros

Especifique: \_\_\_\_\_  
 \_\_\_\_\_

3- Quais desses materiais você utiliza na sala de aula para trabalhar a leitura com seus alunos da EJA?

revistas       bula de remédio       literatura infantil       textos informativos  
 poesias       rótulos       jornais       outros.



filmes       folhetos       gibis

Especifique: \_\_\_\_\_

- Com frequência esses materiais são utilizados? \_\_\_\_\_

4- Que estratégias de leitura você utiliza em sala de aula com os jovens e Adultos?

oral     coletiva     silenciosa     individual     dramatizada     outras

Especifique: \_\_\_\_\_

5- Quais as metodologias que você costuma usar para desenvolver o uso da leitura com a EJA?

aula expositiva     debates     seminários     produções textuais     outros

Especifique: \_\_\_\_\_

6- Qual a importância da leitura para você?

---

---

---

---

7- Você encontra dificuldade para trabalhar o ensino da leitura com a EJA?

sim                       não

Quais?

---

---

8- Para você, quais são os maiores desafios para trabalhar a leitura com jovens e adultos?

---

---

---

9- Como avalia as práticas de leitura desenvolvidas por você em sala de aula com a EJA?

---

---

---

10-Quais atitudes são relevantes no trabalho docente como formador de leitores da EJA?

---

---

---

11- Você acha que o meio que o aluno da EJA está inserido influem no desenvolvimento da leitura ?

sim                       não

Porquê?

---

---

---

---

## Anexo II

### Turma do Estágio de Jovens e Adultos

